

A leitura do cânone literário

Lucianne Michelle de Menezes

UFS

lumy@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo são brevemente comentadas algumas características da linguagem nos textos literários e, em seguida, questiona-se a formação de leitores, a partir do contexto escolar, considerando algumas práticas de leitura ali desenvolvidas e, conseqüentemente, suas implicações para o desenvolvimento de um leitor crítico. Comenta-se a leitura de obras canônicas a partir do contraponto estabelecido entre cânone e literatura de massa, considerando aspectos estéticos e repercussão social. Em seguida, são apresentadas algumas reflexões acerca de uma obra – *O primo Basílio* (1878) – do escritor português Eça de Queirós. Destacam-se aspectos que a “elegeram” como canônica, a exemplo da sua própria temática, que retrata a transgressão social. São também comentadas críticas atribuídas por um escritor também canônico - Machado de Assis. Considerações a respeito de *O primo Basílio* (1878) contribuiriam para ilustrar a discussão acerca da leitura dos cânones literários, uma vez que o romance apresenta várias características que o direcionam nesta classificação.

PALAVRAS-CHAVE: Cânone. Leitura. Literatura.

ABSTRACT: Briefly commented in this article are some features of language in literary texts and then questions the training of readers, from school context, considering some reading practices developed there, and thus their implications for the development of a reader critical. Comments are the reading of canonical works from the contrast between established canon of literature and mass, considering aesthetics and social repercussions. Then, some reflections about a work - *Cousin Basilio* (1878) – from the portuguese writer Eça de Queiroz. A key aspect that the “elected” as a canonical example to its own theme, which depicts the social transgression. They also commented criticism given by a canonical writer too - Machado de Assis. Considerations about *Cousin Basilio* (1878) helped to illustrate the discussion about the reading of literary canons, since the novel has several characteristics that direct this classification.

KEY-WORDS: Canon. Reading. Literature.

A formação de leitores e o estudo dos cânones literários

A literatura utiliza, como veículo, a linguagem, uma criação social. Com base nisto, já se pode perceber que há uma estreita relação entre literatura e sociedade, até porque, de acordo com René Wellek e Austin Warren (2003), a literatura representa a vida e esta, em grande medida, é uma realidade social.

É válido ressaltar que o texto literário apresenta um emprego peculiar da linguagem que, por si só, já desperta, em um leitor mais atento, um interesse em “investigar” suas possibilidades interpretativas e suas úteis relações socioculturais. A linguagem literária pode transformar e intensificar a realidade que está sendo apresentada, de modo que uma leitura única e restrita limitaria o potencial artístico desse tipo de texto.

O papel da escola e das universidades é fundamental para, primeiramente, despertar nos alunos o interesse, a curiosidade pela leitura e, posteriormente, oferecer, a esses leitores, subsídios para ampliar a sua percepção, para que assim possam enxergar e apreciar, no texto literário, suas significações e estruturas de cunho artístico.

A formação de um leitor literário exige, do professor, maior dedicação e preparo intelectual. Muitas vezes, entretanto, há falhas graves nestes dois aspectos e, conseqüentemente, o ensino de literatura fica reduzido a discussões sobre enredos e temáticas que compreendem apenas a “superfície” do texto. Lígia Chiappini (2005) destaca que, de maneira paradoxal, os professores em vez de atuarem como mediadores de leitura, “especializam-se na arte” de amainar o caminho do leitor, de tal modo que podem chegar a dispensá-lo de ler, oferecendo-lhe “caminhos simplificados”, como os resumos. No que se refere ao ensino de literatura, vê-se que o resumo de obra literária, no ensino médio, muitas vezes substitui a leitura na íntegra, visto que há quem considere tais obras como enfadonhas e tediosas, pois, não se verifica, à primeira vista, um retorno, um ganho visível que se possa obter mediante sua leitura. E esta é realizada, frequentemente, nos “moldes” do livro didático, sem a investigação de outras possibilidades que envolvam comparações, contrastes e até mesmo discussões e debates, em que a leitura do aluno também seja considerada.

Desta maneira, forma-se um leitor que, em muitos momentos, não consegue perceber o valor estético de uma obra e sempre a associa ao mero entretenimento, ao consumo “descartável”. Vê-se, assim, que tal leitor pode não identificar o diferencial

que “elege” uma obra como canônica. Vale ressaltar que não é apenas o valor estético que “canoniza” uma obra, sabe-se que há instâncias que legitimam essa atribuição, como as universidades, os aspectos da crítica de um grupo de intelectuais prestigiados socialmente, o mercado editorial, entre outros. Porém, apesar da ênfase que possuem esses elementos, externos ao texto, nota-se que os cânones literários se destacam pela qualidade do trabalho com a linguagem e pela relevância social que apresentam, o que pode não ser percebido pelo leitor que iguala cânones a obras da “cultura de massa”.

Neste aspecto, é válido ressaltar as afirmações de Graça Paulino (2004) no tocante à formação de leitores:

A formação de um leitor literário significa a formação de um leitor que saiba escolher suas leituras, que aprecie construções e significações verbais de cunho artístico, que faça disso parte de seus fazeres e prazeres. Esse leitor tem de saber usar estratégias de leitura adequadas aos textos literários, aceitando o pacto ficcional proposto, com reconhecimento de marcas linguísticas de subjetividade, intertextualidade, interdiscursividade, recuperando a criação de linguagem realizada, em aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e situando adequadamente o texto em seu momento histórico de produção. (PAULINO, 2004, p. 56)

Walter Benjamin (1993) apontou importantes mudanças na relação da massa com a obra de arte, a partir da sua reproduti-

bilidade técnica. O acesso à arte tornou-se mais democrático, foi favorecida a sua exposição, uma vez que ela não mais estava associada a um ritual, que impunha distância e reverência ao observador; a partir da reprodução, a arte ganhou maior repercussão social. Por outro lado, Benjamin (1993) alerta para o fato de que a obra artística pode mobilizar amplamente os indivíduos e, portanto, não deve ser usada para promover uma cultura de massa atrelada ao modo de produção capitalista. Neste, o dominador evita o desenvolvimento intelectual e crítico do dominado – o povo – para assim cada vez mais deixá-lo com uma visão distorcida da realidade. Com tal perspectiva, no que se refere ao julgamento de uma obra literária, este poderia estar associado ao fato de ela estar entre as mais vendidas, como se fosse este o critério para determinar a sua qualidade artística.

Desse modo, nota-se que a leitura e o trabalho com os cânones literários, nas instituições de ensino, devem ser incentivados para que, na seleção de obras de estudo, não sejam inseridas somente aquelas que propiciam apenas a distração, privando assim o aluno da descoberta da potencialidade da literatura, que pode favorecer a difusão de conhecimentos úteis e condizentes com a realidade humana. Como afirma o escritor Luís Costa Lima (1969), a obra literária não pode ser apenas motivo de contemplação, elemento de desfrute ou prazer dos sentidos, porém, mais do que isso, ela é uma condição para o entendimento crítico da realidade e, ao mencionar a palavra “crítico”, refere-se a um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir desta compreensão.

O estudo dos cânones literários, por outro lado, não inviabili-

za a leitura e o trabalho com outras obras. É muito válido que se abra espaço para a diversidade, observando outros contextos de produção, outros gêneros de criação, sem necessariamente estabelecer comparações que enalteçam demasiadamente os clássicos e sobrepujem as demais criações. Mesmo porque, os critérios que canonizam uma obra são mutáveis, não têm uma solidez que lhe confira uma permanência eterna na condição de cânone.

O que não convém enfatizar é uma abertura exagerada do cânone, de modo que se coloquem, num mesmo patamar artístico, obras da chamada “literatura de massa” e obras clássicas. Afinal, há um nítido contraste entre as duas categorias que, mesmo assim, podem ser estudadas, de maneira sensata e equilibrada, atentando para os contextos de produção e finalidades de cada uma. “É clássico tudo aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível.” (CALVINO, 2001, p. 15)

A ampla percepção do valor dos clássicos se dá mediante a formação de leitores capazes de compreender a literatura como propulsora de conhecimento e estímulo a reflexões que repercutam na realidade humana.

A relevância do cânone: reflexões sobre *O primo Basílio*, de Eça de Queirós

No século XIX, particularmente, a filosofia positivista e as ciências evolucionistas se encarregaram de aprofundar as diferenças entre o homem e a mulher; em consequência disto, esta fica diminuída, uma vez que a colocaram numa posição de inferioridade natural e cultural. Dessa forma, a exigência de um rígido padrão de comportamento é atribuída muito mais às mulheres,

dentro da sociedade. Qualquer desvio do que se considerava “adequado”, propiciava um verdadeiro escândalo que acabava por comprometer também os homens por ausência de zelo e “vigília” ou por omissão. A função de “preservar a reputação” feminina era delegada aos pais, irmãos e mais tarde aos maridos.

O escritor português Eça de Queirós, no seu romance *O primo Basílio*, retrata os hábitos e a mentalidade das famílias portuguesas, especialmente em Lisboa, com o intuito deliberado de criticá-las, conforme declarado em seu próprio depoimento acerca da obra, numa carta escrita ao escritor Teófilo Braga: “Eu não ataco a família – ataco a família lisboeta – a família lisboeta, produto do namôro (SIC), reunião desagradável de egoísmos que se contradizem (...)” (QUEIRÓS, 1878). Repudiando o reinado da arte enquanto mera expressão romântica sentimental, os realistas pregavam a arte comprometida com a solução dos problemas humanos, aliando-se para tanto à ciência. Acreditavam que a poesia devesse estar a serviço das causas transformadoras do homem e não da confissão de vagos estados de alma. Desse modo, por meio da arte, a funcionar como “espelho”, a sociedade burguesa do tempo veria sua larga e profunda “decomposição moral”.

Ao ser publicado, em 1878, o livro provocou um escândalo, visto que o seu enredo apresentava questões que retratam a transgressão, como o adultério feminino e a chantagem. Até nos dias atuais o adultério feminino é visto com maior gravidade se comparado ao masculino. Porém, no século XIX, tal fato revelava uma violação ainda maior dos princípios vigentes, muito embora os casamentos fossem meros acordos financeiros de conveniência ou ainda uma medida para aplacar o tédio e/ou a solidão.

Aos poucos o natural desgaste da união conjugal, tão superficialmente estabelecida, favorecia os romances “ilícitos” que traziam a euforia da aventura e da emotividade circunstancial, situação descrita em *O primo Basílio*.

A interação entre o estilo preciso, irônico de Eça e o objetivo crítico, a que se propõe o livro, foi de fundamental importância para favorecer uma leitura que suscitasse a discussão, a polêmica. Tal aspecto evidencia o caráter canônico da obra, visto que, além da construção estética, a partir de uma linguagem muito bem elaborada, em que a descrição minuciosa revela a composição crítica de personagens, espaços e ambientes, no romance ainda podem ser analisados e questionados diversos aspectos culturais, históricos, além da capacidade marcante de denúncia social. O casamento, uma instituição sólida do século XIX, recebeu a partir dessa obra do romancista português, o seu primeiro questionamento público nos países de língua portuguesa. Foram representados também o contexto social, os princípios e a mentalidade típicos da sociedade burguesa de Portugal, “descortinando” os reais comportamentos e visões de mundo que existiam por trás das aparências. Desse modo, *O primo Basílio* consolida a tendência artística do Realismo em Portugal e passa a ser uma obra amplamente conhecida e discutida – um cânone.

O próprio Machado de Assis (1878 *apud* FRANCHETTI, 2000) instigou discussões acerca desse romance. Para ele, a consciência do autor se sobrepunha às motivações internas das personagens, como fator determinante nas sequências narrativas. As personagens lhe parecem *túteres*, matéria inerte. Mas, na visão do escritor Francisco Dantas, a superficialidade é característica

típica apenas da personagem Luísa, afinal, são os sentimentos de Basílio que lhe confirmam a sua beleza, sedução e superioridade: “E assim se completa o mito de Narciso – Luísa se possui através da posse alheia, porque não é ao outro a quem ama, mas a si mesma através do outro” (DANTAS, 1999, p. 100).

Para Machado de Assis (1878 *apud* FRANCHETTI, 2000) a forma de Eça de Queirós estruturar o romance era defeituosa porque não se baseava na tensão psicológica ou na originalidade da trama. A descrição dos ambientes e das sensações das personagens lhe parece imoral. Para ele o romance narra apenas uma aventura sensual e inconsequente, não havendo, portanto, um propósito de edificação moral, bem como de ensinamento de qualquer espécie. “O que esse romance nos ensina é que, se queremos ser adúlteros, temos que escolher bem os criados”. (ASSIS, 1878 *apud* FRANCHETTI, 2000, p. 51). Condena ainda a falta de distinção entre o que seria acessório e o que seria essencial, observa que a descrição de gestos, odores, sons e sabores tinha enorme importância para o escritor português, mas, sendo a perspectiva de Machado (1878) informada por uma exigência de funcionalidade dramática e psicológica, entendeu essa descrição minuciosa como gosto pela superficialidade; quando, segundo ele, o que deveria contar, para a qualidade de uma narrativa, era sua estrutura dramática, centrada na tensão criada entre personagens ou dentro destes. Portanto, os gestos narrados, bem como as percepções sensoriais e a construção detalhada de ambientes só teriam pertinência quando estivessem diretamente subordinados ao núcleo dramático. No entanto, o professor Franchetti (2000) enfatiza que, o Machado de Assis que fizera tais críticas, não

era ainda o escritor de D. Casmurro ou Quincas Borba (de tendências puramente realistas), estava em sua fase romântica e por essa razão buscava a consolidação de romances desta natureza no Brasil e declarava: “Há uma arte pura e outra impura; deve-se recusar a água poluída do romance naturalista e buscar as águas sadias de Garret, Herculano e Alencar (...)” (ASSIS, 1878 *apud* FRANCHETTI, 2000, p. 55).

Considerando a perspectiva do crítico Harold Bloom (1995) de que a literatura adquire as perturbações humanas, incluindo o medo da mortalidade, ou seja, a busca de ser canônica, de entrar na memória da sociedade, pode-se afirmar que o romance *O primo Basílio* atendeu a esta expectativa. Alvo de críticas e discussões, desde a sua publicação – inclusive pelo também canônico Machado de Assis – esse romance português continua favorecendo leituras que estimulam reflexões, sob diferentes óticas, continua também sendo símbolo da prosa realista portuguesa e permitindo, inclusive, conexões entre as suas temáticas e a realidade atual. Afinal: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. (CALVINO, 2001, p. 11)

Ainda destacando a sua condição canônica, vale acrescentar que *O primo Basílio* também influenciou escritores brasileiros, na ficção das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. A voz de Machado de Assis, ao apontar fragilidades de construção no romance, não foi dominante, visto que se tem a publicação, apenas três anos após a sua crítica, de “*O Mulato*”, de Aluísio Azevedo, tal obra compartilha significativos aspectos com o romance do escritor português. O cearense Adolfo Caminha em “*A normalista*” (1893) apresenta diálogos de persona-

gens que leram e até mesmo comentam, nos diálogos do texto, suas leituras de *O primo Basílio*.

Assim, verifica-se que o referido livro de Eça de Queirós constitui-se como obra canônica por aspectos da própria construção textual mas também por sua ampla repercussão, apresentando temas polêmicos que favorecem sempre diferentes abordagens críticas. Chegou inclusive a influenciar a prosa brasileira, consagrando a sua condição de cânone, afinal, “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis [...]” (CALVINO, 2001, p. 10)

Considerações finais

A discussão relacionada aos estudos de obras canônicas requer, especialmente do profissional de Letras, um posicionamento bastante equilibrado, sensato. Não se pode simplesmente, a fim de compensar preconceitos outrora estabelecidos, expandir o cânone, sem qualquer rigor no “requisito” estético. Não há como equiparar obras consagradas, por vezes há séculos, às aquelas obras comumente produzidas apenas com fins lucrativos. É o que acontece com textos que, em vez de retomarem outros apenas como influência, diante da qual se cria algo original e bem elaborado, simplesmente reproduzem, exaustivamente, um modelo que tenha alcançado sucesso editorial, sem qualquer preocupação artística.

Por outro lado, é preciso abrir espaço a produções que, embora não canônicas, tenham representatividade e favoreçam a percepção da diversidade. Criações populares, muitas vezes criticadas por instâncias extremamente rígidas, podem perfeita-

mente ser veículo de conhecimentos culturais e até mesmo de crítica social. Não foram os modernistas brasileiros, com suas criações subversivas, arduamente combatidos? Hoje representam uma das mais ricas categorias da literatura brasileira. Portanto, o bom senso é o que prevalece, até pelo caráter mutável das condições que elegem os cânones. O que definitivamente não convém é desprestigiar as clássicas produções da literatura, como se, para estudar novos textos, fosse necessário retirá-las das indicações de leitura. Embora se reconheça que fatores externos ao texto contribuem para a “canonização”, é notório que a literariedade e a capacidade de reunir fruição e conhecimento são fatores imprescindíveis que se evidenciam nos textos canônicos.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. v. 1.p. 165-196.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Tradução: Marcos Santarrita. 3ª ed. Objetiva: Rio de Janeiro, 1995.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

CHIAPPINI, Lígia. *Reinvenção da catedral: língua, literatura, comunicação – novas tecnologias e políticas de ensino*. São Paulo: Cortez, 2005.

DANTAS, Francisco José Costa. *A mulher no romance de Eça de Queirós*. São Cristóvão: editora da UFS, 1999.

FRANCHETTI, Paulo. Eça e Machado: críticas de ultramar. *Cult – Revista brasileira de Literatura*, São Paulo, ano IV, p. 48-53, set. 2000.

LIMA, Luiz Costa. *Por que Literatura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: A questão dos cânones literários. *Revista Portuguesa de Educação*, Braga, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Ática, 2004.

ZILBERMAN, Regina [et al.]. *Eças e outros: diálogos com a ficção de Eça de Queirós*. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

WELLEK, René; WARREN, Austin. *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Artigo recebido em 15/02/2011 e aprovado em 15/03/2011.